

## ENTREVISTA

# 'Só países pobres deveriam crescer'

Decrescimento pode aliviar pressão ambiental, diz economista alemão. Por Daniela Chiaretti, de São Paulo

A sexta-feira 4 de novembro de 2016 ficará conhecida como o dia histórico em que o Acordo de Paris, o tratado climático internacional com potencial de interferir no modo de vida contemporâneo, entrará em vigor. Consumo e crescimento econômico, temas

cruciais na discussão de como emitir menos gases-estufa, recebem, paradoxalmente, tratamento lateral nas negociações climáticas. São tópicos tão cruciais quanto delicados. A reviravolta econômica que o desafio ambiental implica vai muito além de um planeta salpicado de torres eólicas. O alemão Reinhard Loske, que não é um cientista político e economista tradicional, liga esses pontos há 25 anos — o caminho, defende, está no decrescimento econômico.

Loske, de 56 anos, transita entre o mundo político e acadêmico europeu. Foi deputado federal e porta-voz do Partido Verde alemão, secretário de Meio Ambiente do Estado de Bremen, pesquisador de um dos mais importantes centros sobre mudança do clima da Alemanha, o Wuppertal Institute. “Não deveria ser mais possível privatizar os lucros, mas socializar os custos ambientais”, diz ele, atualmente professor de sustentabilidade e dinâmica da transformação da Universidade de Witten/Herdecke.

Loske não acredita que é possível salvar o planeta apenas com novas tecnologias e sis-

temas energéticos mais modernos pelo simples fato de que os ganhos em eficiência são compensados pelo uso mais intensivo — se os motores são mais eficientes, mais pessoas têm carros. Simples assim.

Em um mundo onde o uso excessivo dos recursos naturais coloca a vida em colapso, o alemão teoriza que as economias nos países industrializados não podem mais crescer, o PIB tem que ser aposentado como medidor de bem-estar e países em desenvolvimento não devem repetir os erros dos outros. Autor de livros sobre decrescimento, Loske é um estudioso das novas iniciativas sociais que florescem na França, na Alemanha, no Reino Unido e até no Brasil — as hortas comunitárias nas cidades, os escritórios, carros e bateadeiras compartilhadas, as experiências de comércio justo. Esteve várias vezes no Brasil, a última em 2015. Crescer pode ser a trilha de países que ainda têm que lidar com a pobreza, mas em cada lugar há pessoas com estilo de vida similar sejam elas indianas, alemãs ou brasileiras. “São os consumidores globais, e gente desta faixa social deve mudar seu padrão de consu-

mo para dar espaço aos mais pobres”, sugere.

**Valor:** Quando o senhor começou a trabalhar com o conceito de decrescimento?

**Reinhard Loske:** Pesquisa clima e ambiente há mais de 25 anos. O começo desse debate vem dos anos 70, havia a ideia de que o hiperconsumo não era indicador de riqueza, mas de patologia, um sinal de que a sociedade estava doente. Depois, e até recentemente, a discussão foi centrada em tecnologias verdes, mercados verdes, crescimento verde. Só há dez anos, na Europa e na América do Norte, começou forte discussão sobre estratégias de decrescimento. A mensagem dos anos 70 era pessimista — “se continuarmos a crescer e a usar os recursos dessa forma, cedo ou tarde virá uma catástrofe” —, mas, agora, há um tom mais positivo e é um fenômeno cultural. A ideia básica do que se discute na França ou na Alemanha é de se ter uma vida melhor sem crescimento. É gente que acredita que é melhor viver uma vida boa sem ter que, constantemente, possuir mais coisas.

**Valor:** É possível encontrar soluções dentro do capitalismo para os excessos de consumo?

**Loske:** Capitalismo puro e sustentabilidade não são compatíveis no longo prazo, mas isso não significa que desistir de mecanismos de mercado é a resposta. Precisamos domesticar os mercados. Dar a eles uma moldura socioecológica com a remoção dos subsídios prejudiciais ao ambiente, ter preço para o carbono, leis ambientais rigorosas, infraestrutura verde, promover pequenas empresas e ter novos indicadores de riqueza e bem-estar. É não olhar apenas para a parte competitiva da economia, mas também ver o segmento cooperativo. E aqui encontramos muitas iniciativas promissoras que não são orientadas para o crescimento.

**Valor:** Poderia citar exemplos bem-sucedidos?

**Loske:** As iniciativas de compartilhamento de carros, bicicletas e escritórios, a troca de roupas e a jardinagem urbana, que chamamos de “sharing economy”. As redes “Prosumer” [palavra que sintetiza a ideia de produzir e consumir] de energias renováveis ou as cooperativas de alimentos orgânicos, por exemplo. Existem milhares de iniciativas na Europa que focam essas questões qualitativas e não são um fenômeno minoritário, como se pôde ver nos enormes



protestos contra o Acordo Transatlântico de Comércio e Investimentos (TTIP, na sigla em inglês) nos últimos meses. Há várias vertentes nesse debate, mas diria que a principal é que decrescimento é melhor para o ambiente e para a sociedade porque não destrói a coesão social.

**Valor:** O senhor acha que o preço final dos produtos deve levar em conta custos ambientais?

**Loske:** O primeiro passo deveria ser a remoção de todos os subsídios prejudiciais que incentivam a exploração da natureza e o uso predatório dos recursos naturais. A partir daí poderia ocorrer a internalização dos custos externos nos preços em um processo gradual como, por exemplo, dar preço ao carbono. Não deveria ser mais possível privatizar os lucros, mas socializar os custos ambientais. A correta formação de preços é importante para incentivar a utilização racional dos recursos, mas é preciso considerar os efeitos sociais para que se consiga a aceitação do público em uma reforma fiscal ecológica. E finalmente: incentivos econômicos não substituem normas ambientais claras. Às vezes, regulamentação é a melhor maneira de se atingirem as metas de sustentabilidade.

**Valor:** O senhor acha que o discurso do baixo consumismo e do consumo consciente deve ser adotado sem distinção de estágios econômicos dos países? Países ricos podem se permitir uma redução no crescimento do PIB, mas como ficam os emergentes ou em desenvolvimento?

**Loske:** Claro, há uma forte diferença entre países ricos e pobres. Mas os países em desenvolvimento têm de melhorar a qualidade de vida de sua população com estratégias de desenvolvimento adequadas e que usem menos recursos. Só exportar matérias-primas e produtos agrícolas para o mundo rico não é estratégia sustentável para países como o Brasil. Estimular a economia local é provavelmente mais promissor econômica e ecologicamente. E é claro que o mundo rico, que em grande parte construiu sua riqueza em mercado colonial e pós-colonial injusto, com divisão injusta de trabalho, tem de mudar radicalmente e se abrir para acordos de comércio justos. Mais e mais pessoas reconhecem que o atual fluxo de refugiados na Europa tem a ver com a mudança climática, o uso excessivo de recursos naturais e uma ordem econômica mundial injusta.

**Valor:** Qual a opção para os países que estão em crise econômica?

**Loske:** Crises são bons momentos para olhar também para soluções não convencionais e não apenas entoar o evangelho do crescimento o tempo todo.

**Valor:** Essa é uma abordagem boa para a Ale-

**Reinhard Loske, economista e cientista político alemão: "Países em desenvolvimento têm de melhorar a qualidade de vida de sua população com estratégias que usem menos recursos"**

manha, a França, o Reino Unido. Mas e para a China, a Índia, o Brasil? O senso comum é que crescimento econômico está relacionado a emprego, saúde e educação.

**Loske:** Recentemente dei uma entrevista à "Der Spiegel" e o título foi "Só os países pobres deveriam crescer". Despertou todo aquele espectro de comentários, desde os cheios de ódio aos de gente que unia a ideia do decréscimo ao cenário de refugiados. A mensagem era que a riqueza dos países industrializados se baseia muito em recursos importados, no quanto contribuímos para a mudança do clima com o nosso estilo de vida. Em países industrializados como o meu, podemos adotar um regime de consumo modesto, as pessoas dizem, e se não quisermos que todos venham para cá, teremos que ajudá-los a se desenvolver em suas próprias regiões. Isso significa transferência de recursos, tecnologia e comércio justo. Países em desenvolvimento entregam matérias-primas, agricultura e recursos naturais a preço baixo e nós entregamos alta tecnologia com preço alto.

**Valor:** O ponto seria ajudar países africanos, por exemplo, a dar saltos tecnológicos?

**Loske:** Esse é um ponto importante para que se evitem os mesmos erros que fizemos em nossas estratégias de desenvolvimento. Claro que há grande diferença quando se discute crescimento em países em desenvolvimento, porque ali há necessidade de se ajudar os pobres. Mas o ponto crucial é a classe do consumidor global.

**Valor:** A quem o senhor se refere?

**Loske:** Gente que vive no mundo mais ou menos do mesmo jeito, com consumo intenso de recursos naturais e energético. Na Alemanha, 70% a 80% da população pertence a essa classe, enquanto na China, na Índia e no Brasil pode ser 20% a 30%. Quero dizer é que as diferenças não existem apenas entre países, mas entre grupos sociais. Pessoas que vivem nessa faixa devem mudar seu padrão de consumo e estilo de vida para dar espaço aos mais pobres e aumentar suas chances de participar nos processos de educação, ter casas decentes e emprego.

**Valor:** Como o senhor entende o decréscimo nos países emergentes?

**Loske:** Fui ao Brasil várias vezes. Na última, há um ano e meio, meu tópico era decréscimo. Dei palestra em universidade, falei em ministérios, ONGs e sindicatos. Aprendi muito e escutei até que o termo decréscimo não é bom para vocês, mas que o conceito de viver bem e a ideia de compartilhar espaços e produtos poderia ter campo frutífero de debate. Acho que sim, este pode ser o momento certo para falar dessas coisas. Não deveríamos pensar apenas em altas receitas, mas em economia compartilhada, em que a ideia básica é poupar recursos ao usar coisas juntos.

**Valor:** Queremos roupas limpas, mas talvez nem todos precisem ter máquinas de lavar?

**Loske:** Sim, essa é a ideia e não é nova. As iniciativas que estão acontecendo nas cidades, que chamamos de inovações sociais, estão florescendo e crescendo. Desde hortas urbanas até escritórios, carros e compras compartilhadas.

**Valor:** Como seus colegas economistas acolhem essas ideias?

**Loske:** Esses conceitos são tratados por uma corrente minoritária, não é "mainstream". A tendência geral na Europa e na América do Norte é precisarmos de crescimento, crescimento, crescimento. Contudo, mais e mais economistas têm se debruçado sobre o que se entende por "estagnação secular". Há uma tendência de decréscimo no mundo desenvolvido devido a mudanças demográficas e mudanças estruturais, e teremos que enfrentar, de qualquer modo, as consequências de nenhum crescimento ou de crescimentos econômicos pequenos. O impacto disso nos orçamentos públicos, nos sistemas de seguridade social ou no mercado de trabalho é um debate que acontece no meio econômico. Mas aquele motivado por limites de crescimento sustentáveis nem tanto.

**Valor:** A ideia do decréscimo é mais aceita em quais grupos sociais e políticos?

**Loske:** Estive em uma conferência recentemente em Bonn sobre economia compartilhada e estratégias de decréscimo e escutei um pesquisador sueco falar que a afinidade em relação a esse tema é maior nos partidos verdes e de esquerda e mais baixa entre liberais e conservadores. Não é um debate popular entre os sociais-democratas, que são próximos das indústrias e sindicatos e preferem falar em crescimento verde. De maneira geral, diria que esse é um pensamento mais aceito na esquerda, mais entre mulheres do que homens, na população mais urbana que a rural, mais entre jovens do que velhos. Há tendência entre jovens de não desejar ser donos de carros, mas ter garantia de mobilidade. O conceito de consumir modestamente ou pensar do quanto realmente precisamos não é uma pergunta da esquerda ou da direita, é uma questão humana. ■



## PERFIL

# Um empresário de faro apurado para o cinema

Atuando como distribuidor e produtor, Marcio Fraccaroli, presidente da Paris Filmes, acumula sucessos. Por **Jacilio Saraiva**, para o Valor, de São Paulo

Quando tinha 13 anos, Marcio Fraccaroli já sabia o que fazer da vida. Era estagiário da Cia. Serrador, antiga exibidora de São Paulo que comandava as estreias de cinemas como o Ipiranga, no centro da capital. "Fazia a programação dos curtas-metragens que eram exibidos antes dos filmes", lembra. Hoje, aos 50, o presidente da Paris Filmes acumula negócios nos ramos da distribuição e produção cinematográfica que faturaram R\$ 60 milhões em 2015.

No mês passado, ganhou nos EUA o International Distributor of the Year, prêmio global do setor. Criado há 30 anos, destaca um brasileiro pela primeira vez. O executivo paulista também é cotado para o Conselho Superior de Cinema, colegiado do Ministério da Cultura que elabora políticas para o audiovisual.

Formado em marketing e pós-graduado em administração de empresas, Fraccaroli entrou na atual Paris Filmes, nos anos 70, devido ao estágio que fez na adolescência. "A Serrador era fornecedora da Paris", diz. Começou como gerente de marketing e, cinco anos depois, virou diretor. Em 2004, já era o principal acionista, com 70% das ações do grupo. Um dos marcos da sua gestão foi a aliança que costurou com a produtora internacional Lionsgate. Com contrato de distribuição exclusiva no Brasil, trouxe para o país sucessos como a saga "Crepúsculo". Em 2012, em apenas 24 horas, o quinto filme da história de vampiros, "Amanhecer - Parte 2", vendeu 1 milhão de ingressos e ocupou mais de 1,2 mil salas de exibição.

Antes, em 2009, entrou como sócio da Downtown Filmes, de Bruno Wainer. Os dois criaram a Downtown/Paris, que



'Não há recessão nesse mercado', diz Marcio Fraccaroli, da Paris Filmes, que prevê fechar ano com R\$ 80 milhões de faturamento

produz e lança, ao ano, cerca de 15 filmes nacionais, como a comédia "Minha Mãe É uma Peça", com Paulo Gustavo; e "Elis", cinebiografia da cantora Elis Regina, com estreia prevista para o dia 24.

Entre lançamentos nacionais e estrangeiros, a Paris Filmes distribuiu 42 títulos em 2015 e deve encerrar 2016 com 39 estreias. Para escolher os filmes que espalha pelo Brasil, Fraccaroli costuma fazer quatro viagens ao ano, entre Cannes, Berlim, Veneza e Los Angeles. Quando não sobra tempo, analisa as produções na sala de cinema de 26 lugares que montou na sede da empresa, na avenida Pacaembu.

Para 2017, entre as atrações internacionais, faz três grandes apostas de bilheteria. O musical "La La Land", vencedor do Festival de Cinema de Toronto deste ano; "Power Rangers", refilmagem da série de TV, e o desenho infantil "My Little Pony". Estreiam, respectivamente, em janeiro, março e agosto.

A diferença temática entre os títulos explica em parte o sucesso da Paris Filmes como distribuidora. Fraccaroli coloca no mesmo cesto de negócios "blockbusters" como a franquia "Jogos Vorazes" e produções mais sofisticadas, como "Inside Llewyn Davis-Ba-

lada de um Homem Comum", dos irmãos Ethan e Joel Coen, Prêmio do Júri no Festival de Cannes de 2013.

Para bancar a presença de grandes lançamentos, a empresa mantém, há nove anos, um fundo de investimentos avaliado em US\$ 30 milhões, administrado em Los Angeles. Com esse suporte, compra os direitos de distribuição para a América Latina. Dois agentes internacionais, nos EUA e na França, peeniram as melhores ofertas. "Mas quem decide o que comprar sou eu." Foi o caso do longa francês "O Artista", que acabou ganhando cinco Oscars em 2012.

"Não há recessão nesse mercado. Toda vez que aparece alguma crise, o público corre para o cinema. É um escape e um programa de lazer barato." Ele mesmo, quando está em um dia "daqueles", cheio de projetos para avaliar, foge do escritório por duas horas e escolhe um dos cinemas dos shoppings JK, Iguatemi ou Higienópolis.

Em 2016, a expectativa do empresário é de que o setor cresça 8% em público e 12% na venda de ingressos, ante 2015. Segundo a Agência Nacional do Cinema (Ancine), em agosto de 2016 o Brasil passou a contar com 3.126 salas — eram 1.635 em 2002. No ano passado, elas re-

ceberam 172,9 milhões de espectadores, crescimento de 11,1% em relação a 2014. Já a bilheteria de 2015 bateu nos R\$ 2,3 bilhões, salto de 20,1% em comparação ao ano anterior — são as maiores taxas de crescimento de público e renda nos últimos cinco anos.

Fraccaroli decidiu trabalhar também com produção de filmes nacionais, com a Paris Produções. Vieram, assim, "Os Dez Mandamentos" teve mais de 10 milhões de entradas vendidas, e os infantis "Carrossel" 1 e 2. Entre produções e coproduções, entregou dez títulos em 2015. Serão 12 em 2016. O grupo espera fechar o ano com R\$ 80 milhões de faturamento. "Montamos a produtora com um perfil comercial, para atender o mercado", diz ele, que contratou dois roteiristas. Em julho de 2017, chegam mais filmes que produziu e vai distribuir: "O Detetive do Prédio Azul", baseado na série exibida no canal Gloob; e "Meus 15 Anos", com Larissa Manoela, atriz da novela "Cúmplices de um Resgate" (SBT). Em breve, começa o cronograma de "2+2", com Giovanna Antonelli. O caminho para a coprodução internacional também foi aberto: dois roteiros (um argentino e um inglês) estão na sua mesa. ■